

Comissão de Urbanização, Transporte e Habitação – CUTHAB



Coronel
Ustra



Idenir
Cecchim



Jonas
Reis



José
Freitas



Karen
Santos



Marcos
Filipi

006ª CUTHAB 11MAR2025

Pauta: Soluções para enfrentar os alagamentos e dificuldades do transporte no bairro Guarujá e proximidades.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): (18h57min) Boa noite, pessoal, estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Urbanização, Transportes e Habitação – CUTHAB. Vamos convidar quem está presente, quem veio para participar da nossa reunião, para ir sentando e se acomodando nas cadeiras. Daqui a cinco minutos, a gente vai dar início à nossa reunião de comissão. (Pausa.) Sou a Ver.^a Karen Santos, atual presidenta da Comissão de Transporte e Habitação. Quero agradecer à comunidade que está presente nesta reunião. A nossa comissão trata especificamente das pautas, das demandas dos transportes, ônibus, lotação, regulamentação das *bikes*, dos patinetes. Trabalhamos também por demandas, ou seja, as comunidades fazem o ofício, pedem a pauta, e o nosso papel, enquanto vereadores, é convocar as secretarias e os órgãos do governo para prestar esclarecimentos.

A nossa comissão também trata da política de moradia do nosso Município e das necessidades de regularização fundiária. Funcionamos por demandas, demandas que vêm dos vereadores ou demandas que são trazidas pelas comunidades, pelos movimentos sociais. As reuniões acontecem ordinariamente nas terças-feiras de manhã, lá na Câmara de Vereadores, mas a gente vem

tentando, cada vez mais, trazer para as comunidades no horário pós-expediente, porque sabemos que boa parte das pessoas trabalha, tem suas vidas e não consegue, muitas vezes, acompanhar as reuniões pela manhã.

Então, esta reunião hoje, novamente aqui no bairro Guarujá, até estava vindo para cá, mandei uma mensagem para o Ver. Giovanni Culau, que era o vereador que fazia parte comigo desta comissão na legislatura passada, porque a última vez que vim aqui neste galpão foi também uma pauta trazida pelo Ver. Culau e, justamente, tiramos uma série de encaminhamentos. Nem todos os vereadores permanecem dentro das mesmas comissões, então, essa memória daquilo que foi discutido, daquilo que foi debatido, foi encaminhado, fica a cargo dos vereadores que são os proponentes.

Essa pauta hoje foi proposta pelo Ver. Jonas Reis e pelo Ver. Coronel Ustra. Então, desde já, deixo a dica: organizem a memória das demandas que trazem para as comissões, porque são questões que precisam... São reincidências. Então, o DMAE, muitas vezes, traz um projeto, depois precisamos saber se esse projeto foi licitado, depois precisamos acompanhar o desenvolvimento da empresa. Isso demanda de nós, vereadores, um trabalho de organização, que não fica a cargo das funcionárias da CUTHAB, da Câmara, que estão aqui. Ali estão as notas taquigráficas, tem a TVCâmara que está acompanhando. Desta reunião sai uma ata, que é um documento oficial, mas, para essa ata sair do papel – essa é a Vanda, minha filha – e se transformar em ação, em política pública, a comunidade tem que ter essa ata. Então, também sugiro que os vereadores imprimam, depois desta reunião, e distribuam para as lideranças. E também nós, enquanto vereadores, precisamos ficar em cima dos órgãos públicos para fazer valer os nossos direitos.

Para a reunião de hoje, primeiramente, quero agradecer ao Daniel Fraga por ter disponibilizado este espaço para conseguirmos fazer novamente a nossa reunião. Foram convocados, a partir da pauta dos vereadores proponentes, o convite ao DMAE, à Procuradoria-Geral do Município, à Defensoria Pública do Estado, ao Escritório de Reconstrução, que hoje está alocado dentro da Secretaria de Meio Ambiente e Sustentabilidade. Foi convocado também o

Simpa, Sindicato dos Municipários; a representação da CEEE Equatorial; a representação do Ministério Público, por meio do Centro de Apoio Operacional da Promotoria da Habitação e da Defesa da Ordem Urbanística. Foi também chamada a Rhama Analysis Consultoria Ambiental e a Viva Sul, consórcio que é a empresa que oferece o transporte por ônibus aqui no bairro. E também a Sra. Maria Cristina Abbud, enquanto liderança do bairro, que acredito que já está aqui conosco.

Das representações que foram convidadas por esta comissão, temos presente o Sr. Alex Zanoteli, diretor de Proteção Contra Cheias e Drenagem Urbana, que acho que já está compondo a Mesa conosco. Não? Então, quero convidá-lo para compor aqui a Mesa. E quero convidar também a Rhama Analysis Consultoria Ambiental. Por gentileza, a assessoria da comissão pode colocar uma cadeirinha aqui para compormos este espaço.

A princípio, se estiverem presentes, acusem-se: PGM, Defensoria, Escritório de Reconstrução, CEEE Equatorial, Viva Sul. *A priori*, foram convidados e não estão presentes. Abro um parêntese aqui: enquanto comissão, temos o poder de convidar; não temos o poder de convocar. Normalmente, quando temos a omissão de alguma secretaria, reiteramos o convite em uma próxima comissão e, depois, o constrangimento, que podemos tentar promover, é uma convocação para se apresentarem à Câmara de Vereadores. Mas é uma pena não termos presentes aqui a CEEE Equatorial, o Ministério Público... Simpa não está presente? Simpa, não, né? Então, já mostra um pouco como é difícil tirar a Câmara de Vereadores de dentro da Câmara, porque, quando é em comunidade, normalmente temos uma ausência muito grande do poder público, e aí me ajuda, Marcos Felipi, precisamos cobrar. E não só o Ver. Marcos Felipi, mas o próprio Ver. Ustra, que se colocou enquanto governo, porque PGM não está aqui, representante da SMAMUS, CEEE Equatorial, realmente já inviabiliza um pouco a pauta que vocês pensaram.

Como é que funciona esta reunião? Eu passo a palavra para os proponentes. Então, primeiramente, vão se manifestar os vereadores que propuseram essa pauta. Depois, normalmente, ouvimos a comunidade, e depois ouvimos o que as

representações que estão aqui presentes do governo têm a dizer em relação a essas pautas. Eu sou a presidenta da comissão, vou estar passando essa fala para os colegas vereadores que propuseram essa pauta: Ver. Ustra, Ver. Jonas, quem pretende começar? Está com vocês a palavra.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Então, Ver.^a Karen Santos, obrigado. Eu sou o Ver. Jonas Reis, professor, entendo mais de educação, mas tenho acompanhado, há mais de oito anos, as questões relativas ao serviço público na capital. E sobre enchente, enfim, todos nós agora temos graduação nisso. Todos os moradores de Porto Alegre, vocês daqui da região, têm doutorado, porque sofreram na pele esse problema gravíssimo, que é o objeto central de discussão. A gente vai tratar também do transporte, mas o que a gente precisa aqui é elaborar uma ação realmente que aconteça, porque os moradores têm reivindicado, têm pedido muito, meus colegas da CUTHAB, que tenha obra pública aqui, porque a indignação dos moradores – e aí me dirijo ao DMAE – é que pagam impostos há décadas e o problema de algumas ruas aqui não é o problema da enchente. Vejam bem, é um problema que decorre da urbanização da região. Vários empreendimentos foram liberados no passado, na região mais alta, nas regiões altas. Isso foi impermeabilizando o solo, criando ruas asfaltadas, isso tudo que o pessoal diz que é desenvolvimento, mas sem o planejamento da Prefeitura. Então, Ver. José Freitas, a Prefeitura não planejou, ela liberava: “Ah, querem fazer um condomínio, querem fazer um loteamento, fazer casa.” Mas nunca obrigou os condomínios, por exemplo, novos, a fazer bacia de contenção. Ou seja, a água cai tudo nesses condomínios, que antes caía no morro, caía na vegetação, ia para o lençol freático, agora cai nas casas, nos prédios, e vai direto para a avenida e empoça aqui embaixo. Então, toda a zona do Guarujá, da orla, onde estão os moradores mais antigos, está sendo prejudicada, os imóveis estão depreciados, Ver.^a Karen, ou seja, perderam valor. Essa é a realidade, a Prefeitura está tirando dinheiro dessas pessoas não só através do IPTU, da taxa de lixo e da taxa de água, mas agora depreciando os imóveis porque não tomam uma ação. Não estou falando em governo, para mim

não interessa quem está no poder, o que interessa é que temos que construir uma solução de curto, médio e longo prazo, uma solução real. A Prefeitura, ao longo de décadas, recolheu dinheiro dos moradores do Guarujá, e agora é a hora de esse dinheiro voltar para cá. Então, não adianta o dinheiro estar só na orla, que é bonita, todo mundo gosta, tem meio-fio pintado, o pessoal gosta, tem poda de gramado. Mas agora tem que acontecer aqui, porque esse problema foi gerado por uma in consequência de várias pessoas. Não adianta procurar culpado. Sou bem sincero em dizer isso para vocês, porque nós temos que agora construir a solução, e a solução que nós queremos construir, nesta noite aqui, que acho que é consenso entre nós, vereadores, é que tenha um programa, um plano para esta região, para esta comunidade específica. Por isso nós queremos ouvir os moradores, ouvir as moradoras que estão mobilizadas, não é de hoje, são anos; eu, por exemplo, há três anos que venho. A Cristina convida, nós viemos, olhamos a rua, alagamento, registra, manda para o Ministério Público, conversa com a SMAMUS, conversa com as secretarias, mas até agora não se tomou uma decisão política. Então, nós temos essa tentativa hoje, Ver.^a Karen, mais uma vez, a Câmara vai continuar fazendo esse movimento, porque aqui nós precisamos que o imposto que já foi recolhido volte. Então, trata-se disso. Quero encerrar essa participação inicial dizendo o seguinte: todos os governantes sempre vão dizer que o cobertor é curto, sempre vão dizer que não tem dinheiro, todos, todos, todos; vários partidos vão dizer isso, mas isso é um subterfúgio para fazer obra em outro lugar. Então, vocês, moradores, têm que fazer isso que estão fazendo hoje, reivindicar que a Câmara venha, reivindicar que a Câmara lute junto para que esse cobertor curto, por exemplo, tape vocês um pouquinho, pelo menos um pouquinho para vocês não passem frio. Se é tão curto o cobertor, mas tem que vir um pouquinho para o Guarujá, não é Deus para uns e diabo para os outros.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Obrigada, Ver. Jonas. Vou passar ao Ver. Ustra, proponente dessa reunião.

VEREADOR CORONEL USTRA (PL): Boa noite a todos. Vou procurar não me alongar, porque a gente veio ouvir, e falar menos. Mas eu quero agradecer a nossa presidente, Karen Santos. Obrigado, Karen. A gente sabe que dá uma demanda, eu já agradeço à equipe da Câmara de Vereadores, que está nos apoiando, pois tem que montar a estrutura. Agradeço ao pessoal do CTG Roda de Chimarrão, ao nosso patrão, o Dilnei, o Josoé. Muito obrigado, o pessoal está lá atrás. Obrigado pela cedência do espaço. E já parabenizar e agradecer a eles, que durante as enchentes, todo mundo sabe que este local recebeu os desabrigados. Este local, exato o local aqui, estava cheio. E também na parte de baixo, eu vim aqui, estava cheio de animais. Então, eles receberam não só as pessoas, como os animais também, e trataram todo mundo muito bem. Então, fica o nosso agradecimento em nome da população de Porto Alegre; o agradecimento da Câmara de Vereadores. Queria agradecer ao Jonas Reis, nosso vice-presidente, nossos vereadores, o Marcos Felipi, que eu falo que é um dos vereadores mais rueiro, está sempre na rua resolvendo os problemas. Estamos aqui com o Ver. José Freitas, muito obrigado. Agradecer à representação do DMAE e ao nosso diretor de proteção contra as cheias, Alex Zanoteli. Temos a representação dos moradores do Guarujá, aqui à Mesa, a Sra. Maria Cristina, obrigado. E agradecer aqui a empresa Rhama, uma empresa contratada pela Prefeitura de Porto Alegre, na pessoa do eng. André Silveira, que é uma empresa contratada para fazer avaliação e recuperação do sistema de proteção contra as cheias. Começaram o trabalho em novembro, depois vamos falar. Estão fazendo um trabalho para que Porto Alegre, pelo menos, não enfrente esse problema grave novamente. Historicamente – eu estava conversando com o engenheiro – Porto Alegre teve enchente em 1700, 1830, 1870, 1941, 1973 e 2024. Então, realmente é um problema corriqueiro, às vezes a gente não se atenta e, quando ocorre o problema, a gente tem que agora achar uma solução. Então, o engenheiro vai falar sobre isso. Eu queria cumprimentar também, aqui eu vejo que está o Cláudio, meu amigo Cláudio; está a Nilda, está o nosso tenente Santolin. Para quem não sabe, por que eu pedi essa demanda, Karen? Eu já falei lá na CUTHAB, na primeira reunião, aqui para o Guarujá

também. Eu até não tive uma atuação eleitoral aqui; o pessoal quase nem me viu aqui. Mas eu, quando nasci, aqui em Porto Alegre... Meu pai é o Dr. Sadi Soares, dentista, foi o primeiro dentista aqui da região. Durante 40 anos atuou aqui, atendia muitas pessoas, quem o conhecia sabe que, às vezes, ele trocava o serviço por um “pinta o meu muro”, né, Santolin? O Cláudio é vizinho, “corta a minha grama”. E, às vezes, quando a pessoa não tinha dinheiro, ele atendia de graça. E o Ver. João Carlos Nedel, o pessoal, alguns conhecem, quando ele morreu, meu pai morreu, teve um câncer, teve um tumor cerebral, morreu em 2008. E, em 2009, recebeu a homenagem da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, através do Ver. João Carlos Nedel, e ganhou uma rua, que é a rua que fica próximo ao Supermercado Santa Rita, que é a Rua Dr. Sadi Soares. Então, é uma forma de eu retribuir essa homenagem que a comunidade fez para o meu pai. Então, resolvi vir aqui escutar vocês, independentemente de partido; a gente sabe que tem pessoas de diferentes ideologias aqui presentes, mas hoje eu venho como vereador eleito. E, como vereador eleito, nós precisamos sair da Câmara de Vereadores de Porto Alegre, não só durante o período eleitoral, mas para vir aqui ouvir a população. Então, é isso que eu estou fazendo aqui. E estou vindo mais vezes ao Guarujá para ouvir as demandas da população. Já me ofereci para outras demandas, mas as demandas daqui são o transporte e a habitação. Então, o problema grave dos alagamentos e o problema que nós temos com relação ao transporte. Esses dias eu peguei um ônibus aqui, inclusive, para testar como é que está. O ônibus que eu peguei, pelo menos o ônibus que eu peguei, que é o 283, pode ser? Tem o 179 também, mas foi o 283. O 283 estava com ar e estava com acessibilidade, mas a gente sabe que tem muitos ônibus que não têm ar-condicionado, a gente sabe disso. Então, nós vamos fazer um expediente para as empresas e verificar se a gente pode melhorar essa situação. O aplicativo estava funcionando, o horário certo, chegou no horário certo, o aplicativo pelo menos estava funcionando, pelo que eu testei estava funcionando. A gente sabe que nós temos problemas, muitas paradas aqui, conversamos com alguns moradores que relataram, e fomos lá ver, tem parada que está no meio do mato, não tem lugar para sentar, então, cobertura

precária – o meu assessor está me lembrando –, nós vamos demandar às empresas de ônibus, que é um consórcio, que é a Viva Sul, formado pela Vila São Belém, Teresópolis, Coletivos 13SA e Restinga, Transportes Coletivos. Então, vamos acionar essas empresas, inclusive, eu entrei no ônibus, filmei ali para depois fazer um vídeo que eu possa mandar para a empresa, e o motorista me xingou, você está filmando, você não pode filmar... E eu falei: eu sou vereador, estou fiscalizando o serviço público, então, posso filmar. Obviamente que eu não vou mostrar a cara do motorista, mas a gente estava lá fazendo o trabalho do vereador, que é a fiscalização, está certo?

Acho que me alonguei muito. Só agradecer mais uma vez por todos estarem aqui nos ouvindo, estamos aqui para resolver e levar as demandas à Prefeitura de Porto Alegre. O meu partido, que é o Partido Liberal, ele tem a vice-prefeita, então, nós fazemos parte do governo e temos que receber as críticas, assimilar e demandar para tentar resolver, está certo? Então, meu muito obrigado.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, vereador. Aqui, gente, agora nós vamos passar para a Cristina, que vai trazer para nós alguns relatos da comunidade, das moradoras, dos moradores, basicamente da questão dos alagamentos. Como ela é moradora, ela tem propriedade, preparou um material, que o Isaac vai nos ajudar a passar. Depois, nós vamos ouvir o nosso amigo Alex, que é diretor de proteção contra as cheias, representando o Departamento Municipal de Água e Esgotos. Se por acaso chegar alguém mais do governo, e isso a Karen já falou, eu lamento, principalmente, que o Germano Bremm não tenha mandado ninguém, porque ele é o cara responsável pelo Escritório de Reconstrução e Adaptação Climática, que hoje está ordenando milhões e milhões de reais que vêm de outros governos, estadual, federal, e que, na verdade, é quem tem a caneta do dinheiro para dizer se vai fazer ou não. Mas nós vamos, aqui, prestigiar os que estão presentes.

A Sra. Maria Cristina Nuñez Abbud está com a palavra.

SRA. MARIA CRISTINA NUÑEZ ABBUD: Boa noite, pessoal. O meu nome é Cristina, para quem não me conhece, sou conhecida de muitos. Nós estamos aqui para falar sobre um problema que vem desde 2012. Nós nos reunimos na minha casa, porque, ao longo desses anos, nós temos solicitado providências da Prefeitura e não temos sido atendidos. Então, eu resolvi juntar tudo o que eu tinha de documentação, de fotos, de vídeos, de reportagens, junto com um relato, que é uma carta aberta à CUTHAB, que, inclusive, eu quero agradecer a vocês disponibilizarem esse espaço para nós podermos expor o nosso problema. Obrigada. Então, vou iniciar a ler, e o Isaac vai passar no telão as imagens do que nós temos sofrido. Nós temos imagens desde 2015, que foi o que nós conseguimos reunir. Nós temos vídeos e nós temos duas reportagens. Nós não conseguimos passar o áudio dessas reportagens, mas o Isaac vai passar a imagem que vai dar uma ideia do que foi. Essa reportagem é justamente sobre o lodo fétido que fica no pós-enchente. Então, eu vou ler a carta.

(Procede-se à apresentação.)

SRA. MARIA CRISTINA NUÑEZ ABBUD: “A Comissão da Urbanização, Transporte e Habitação – CUTHAB. Essa carta é referente a assuntos de interesse público: inundações frequentes e crescentes no bairro Guarujá, graves problemas nos esgotos pluvial e cloacal que apenas se intensificam com as inundações pluviais. Somos um grupo de moradores do bairro Guarujá, em Porto Alegre, que convive com enchentes e inundações nas ruas e casas desse bairro, pelo menos desde 2012. Situação que vem só piorando com o tempo. Antes do ano 2000, já ocorriam enchentes que inundavam as ruas do Guarujá. Exatamente por isso foi feita também uma intervenção na rede de esgotos, que sanou o problema até o ano 2012. Agravando ainda mais a situação, em nenhum episódio recente de alagamento que atingiu o nosso bairro, nem a Prefeitura propriamente dita, nem a Defesa Civil, apresentou ter preocupação em informar e proteger os moradores das áreas alagadas. Em todos eles, as águas subiram rapidamente, sem que os moradores tivessem recebido esclarecimento do poder

público, por qualquer meio, sobre o que estava ocorrendo e seus riscos. Durante esses anos, podemos dizer que, de fato, houve um descaso geral do poder público na prevenção das cheias, possivelmente ao permitir o assoreamento dos rios e riachos, também ao permitir a falta de manutenção e falta dos demais investimentos nos mecanismos de prevenção, tais como estações de bombeamento de água, comportas de contenção, limpeza regular das estruturas de drenagem, etc. Assim, esclarecendo, o nosso bairro Guarujá não tem nenhum mecanismo de proteção. Acho que chega até o BarraShoppingSul e o nosso bairro, principalmente na Rua Jacipuaia, não existe nenhum meio de contenção, nenhuma proteção. Os alagamentos ocorrem, principalmente, nas ruas Jacipuaia, Oiampi, Guenoas e na Av. Guarujá. Ocorrem mesmo que o rio Guaíba não atinja níveis oficiais de inundação, e isso vem agravando no decorrer dos anos 2015, 2017, 2022, 2023 e 2024, cada vez em maiores proporções. Essas ruas são as primeiras a alagar e as últimas a escoar a água, e com isso ocorrendo, após as águas se esvaírem, resta um lodo de cobertura que, visivelmente, indica detritos cloacais. Isso, inclusive, na reunião do ano passado da CUTHAB, eu conversei com o pessoal do DMAE, expus, ficaram de me ligar, ficaram com o meu telefone, ficaram de me ligar para esclarecer melhor o que estava acontecendo, e eu não tive, até hoje, retorno nenhum. Temos muitas experiências drásticas e relatos pungentes, não só daqui do Guarujá, como, por exemplo, reunimos cinco casos de moradores, para ficar pessoal, para não ficar só a rua alagada, só as casas alagadas, mas os danos que essas pessoas sofreram com a perda de imóveis, de eletrodomésticos, e a parte emocional que foi atingida, e sua saúde também.

Primeiro relato: “Moro na Av. Orleaes, nesse mesmo terreno está a casa de minha mãe, já falecida, e existia a casa de minha irmã, que foi muito danificada pela enchente e condenada pela Defesa Civil. Desde 2015, o Guaíba tem avançado nas ruas do bairro Guarujá, e temos solicitado uma solução. Mas nem com o evento de setembro de 2023 isso foi atendido. Chegando-se a maio de 2024, com a enchente arrasando nossas casas, perdi tudo nessa inundação. A casa teve que ser totalmente reestruturada e a casa de minha irmã destruída,

pois corria o risco de desabamento. [Essa casa foi condenada pela Defesa Civil e teve que ser destruída para não ser mais habitada.] Mesmo com todos esses acontecimentos, nenhuma providência foi tomada pela Prefeitura.”

Outro relato: “Os alagamentos que pude presenciar se iniciaram em 2012, naquela época, apenas ocupando a calçada da minha casa. Em 2015, já inundaram parte do meu pátio e depois avançando cada vez mais, até que, em 2023, houve a inundação de todo o meu pátio e jardim. Em 2024, a água chegou a 1,20 metros de altura dentro da casa. Perdi todos os eletrodomésticos, móveis e utensílios, além de danos nas paredes e piso. Fiquei quatro meses fora de casa, sendo acolhida por familiares. Passei por uma depressão pós-traumática, sendo necessário atendimento psicológico e também uso de medicação para leptospirose, pois tive contato com a água da enchente quando fui resgatada com as minhas duas cachorras.”

Outro relato: “Meu sobrado é na primeira quadra do Guaíba. Saí de casa no dia 2 de maio de 2024, com a água invadindo as residências na minha rua, Guenoas, bairro Guarujá, para retirar minha mãe, que mora no Menino Deus, em um apartamento térreo. Quando retornei, não consegui mais entrar, com o andar térreo totalmente inundado, literalmente. Estava na rua somente com a roupa do corpo. Fiquei sem uma previsão de retorno à casa, pois a água teria que baixar e contar com o abastecimento de água e luz para a limpeza necessária. Havia terminado uma reforma geral na casa em fevereiro de 2024. [Meses, então, antes.] A perda material foi total. Não reaproveitei nada dos móveis, eletrônicos, eletrodomésticos, além de perda, a reforma onde havia gasto em torno de R\$ 20 mil. Retornei ao meu lar após 103 dias, no dia 23 de agosto, com inúmeras restaurações ainda a fazer. Tive prejuízos financeiros e emocionais, uma vez que tive que ficar afastada do trabalho 90 dias, visto não ter condições de atender o público, pois trabalho em uma agência bancária. Em 2025, minha vida ainda não está normalizada, porque, dentre outras questões, ainda não consegui finalizar a recuperação da minha residência.”

Outro relato: “Em 2015, alagou o pátio e casa, até a altura dos joelhos. Fiquei fora de casa três dias. Rua Jacipuaia ficou debaixo do esgoto 30 dias. Em 2023,

em setembro, água em todo o pátio e casa, à altura dos joelhos. Fiquei fora de casa mais três dias. Jacipuaia ficou 40 dias debaixo do esgoto. Perdi uma cachorra com leptospirose. Maio de 2024, caiu todo o muro do terreno, um muro de 40 metros com 2 metros de altura. Água em toda a casa, aproximadamente, 2 metros de altura dentro da casa – 50 dias. Fiquei fora 75 dias. Voltei, limpei, e logo entrou novamente água no pátio, varanda, por duas vezes pela Rua Jacipuaia. Desde então, estou esperando a Prefeitura para conserto do cano quebrado e a calçada danificada pela mesma, ao levantar tampas de bueiro.” Essa questão das calçadas – vou falar para ti que é do DMAE –, com o hidrojato, eles quebraram muitas tampas de bueiro e danificaram muitas calçadas. Até a tampa dos bueiros, eles fizeram conserto, mas as nossas calçadas, não. Então, a gente já teve um prejuízo enorme com tudo o que perdeu na enchente, e agora vamos ter que restaurar também a calçada. Seguindo.

Agora, o último relato: “Venho, por meio deste relato, registrar os danos materiais e emocionais causados pela enchente ocorrida em maio de 2024, que resultou na necessidade de ficar afastada da minha residência, junto da minha família, por um período de cinco meses. [Ela teve vários danos, essa família, vários danos materiais, móveis e eletrodomésticos. E ela enumera] roupeiro, armário embutido, sofá-cama, sofá de dois lugares, três poltronas, nove almofadas que compunham um sofá, um fogão, três poltronas, oito cadeiras de madeira, uma mesa de jantar, uma cama de casal, móvel para um aquário, máquina de lavar roupa, a estrutura da residência, piso da sala e dos quartos, azulejos da parede do banheiro e área de serviço que ficaram danificados e muito soltos; 12 portas [acho que praticamente todas as portas dessa casa]; um portão de madeira da garagem, a grade de ferro, que acho que servia de visa para o relógio de energia, e um veículo que estava dentro da garagem e foi água até a altura da direção do carro.”

Outros impactos desse mesmo relato. “Além das perdas materiais mencionadas, destaco também os danos emocionais causados pela situação, o impacto na jardinagem da residência e, principalmente, o tempo de cinco meses fora de

casa, trazendo prejuízos imensuráveis à rotina e ao bem-estar da família. Terminados os relatos, nós vamos continuar com a história das enchentes.”

Desde 2015, estamos solicitando a atenção e solução da administração pública, pois existe um rebaixamento na Rua Jacipuia esquina com a Rua Oiampi que impede a vazão da água, bem como a falta de bombas e barreiras que evitem os alagamentos. O odor fétido do lodo pós-enchente, chegou a ser matéria em telejornal nacional, em setembro e outubro de 2023.

Então, têm sido feitas reuniões com o pessoal do DMAE, com a Prefeitura, até o prefeito era vice-prefeito nessa primeira de 2015; ele era vice-prefeito. E, até hoje, não houve nenhuma solução. O que o DMAE tem nos dito? É difícil, é dispendioso, tem que fazer estudos. E, até hoje, ouvimos que têm que ser feitos estudos. E, aí a gente pena: para nós, não tem verba para proteger as nossas casas, as nossas ruas. Mas a orla está tão bonita ali na Usina do Gasômetro, o Pontal está tão bonito! Então, o que é mais importante para o governo? Prevenir a inundação das nossas casas ou deixar a orla bem bonita? Eu acho que, na casa dele, se ele tivesse um problema sério de estrutura, ele não iria fazer o jardim, ele iria arrumar a estrutura da casa, não é? Mas o que está sendo feito não é isso. Estão arrumando o jardim, enquanto nós perdemos tudo, inclusive nossos animais de estimação.

Concomitante a tudo isso, esperamos que a Prefeitura saiba o que faz ao ampliar, sobremaneira, o licenciamento de novos empreendimentos habitacionais e comerciais. As devidas estruturas de contenção e esgotamento estão sendo feitas. Os códigos federais, estaduais e municipais estão sendo seguidos. O prefeito e o governador foram aos Países Baixos, Holanda, para ser mais precisa. E ficaram deslumbrados com a ideia da cidade esponja. Mas aqui, o que nós vimos? No Harmonia, quantas árvores foram arrancadas, destruídas ali? Jardim Sabará, Jardim Botânico. Por muito pouco, aquela área verde no entorno do Clube do Professor Gaúcho também não foi destruída. Por muito pouco. Porque a associação de bairro se uniu, entrou com uma denúncia no Ministério Público e foi impedido, porque, senão, aquela área ia ser destruída também. Essa parte de cima da Serraria, quando eu vim morar aqui, era um

mato. Era um mato, casas, mesmo, só para na parte de baixo, porque era um balneário. Foi aberto um loteamento ali, muito bonito, eu até penso em me mudar para lá, é muito bonito, e lá não alaga. Foram construídas as casas, está tudo pavimentado, está tudo edificado. Não ampliaram a rede de esgotos, nem pluvial, nem cloacal, então, é claro que, em algum momento, vai estourar.

Inclusive, estão anexadas neste documento jurisprudências em relação a isso, a esse dever público de nos proteger, inclusive uma decisão do Supremo Tribunal Federal e três jurisprudências em relação a isso. Então, acho que a prefeitura tem que parar de fazer jardim.

Conforme já estabelecido União, Estado e Município são responsáveis pela prevenção de cheias e proteção da população nesses eventos. O que eu falei há pouco. Somos moradores de habitações que receberam habite-se da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, e pelos quais nos são cobrados os impostos que são pagos regularmente – a gente paga imposto. E não é como o Sr. Melo falou numa reportagem ao William Bonner, que muitas pessoas não deviam estar morando nas áreas de alagamento. Mas se me deram uma carta de habite-se, se eu pago imposto, como que eu não devia estar lá? Não é? Outra coisa, em relação aos impostos. As nossas casas foram invadidas, muitas destruídas, muitas pessoas não conseguiram nem recuperar suas casas. O valor venal, se você vai vender... Eu queria vender a minha casa, desesperadamente - o meu namorado que não deixou. Aliás, muita besteira que eu não fiz nessa enchente foi ele que não deixou, graças a Deus eu tenho o Renato. Eu ia sair dali e ia vender a minha casa. Mas ele disse: vai ter comprador para a tua casa, com certeza; vão pagar R\$ 100 mil por ela. E você vai para onde com R\$ 100 mil? E assim nós temos vizinhos que, em 2023, se desesperaram com a enchente, seguida, inundando sua casa, abandonaram a casa e não conseguem vender até hoje, desde 2023. E nós continuamos pagando imposto sobre o valor venal, de antes da enchente. Legal isso, não é?

Assim, diante do exposto, nessa breve narrativa e nos seus anexos - eu já disse que os anexos vou mandar pelo meio eletrônico, para o TAP também. Os anexos vão via meio eletrônico. Inclusive, essas imagens, as duas reportagens sobre o

loto fétido, na íntegra, vídeos dos alagamentos, nós temos fotos - nós não temos a de 2012, mas temos desde 2015. E assim, em 2023, nós tivemos dois alagamentos: um em fevereiro, que inclusive foi quando eu comecei, eu te mandei por mensagem, as fotos do alagamento. Foi quando eu comecei a pedir ajuda para o Ver. Jonas, e que ele começou a nos dar visibilidade. Quero agradecer a ti.

Assim, solicitamos encarecidamente a intervenção deste órgão para apuração do descaso e omissão dos órgãos competentes na prevenção de alagamentos das nossas ruas e casas. E que uma solução seja implementada. Nós precisamos disso, porque o que nós estamos vendo é que é cada vez pior. O nosso bairro vai virar um bairro fantasma. É, é, talvez.

Por fim, somos cientes, não esperamos que uma solução seja implementada da noite para o dia. Mas temos, sim, a pretensão de que finalmente possa ser efetivamente encaminhada. Para isso estamos aqui, para pedir uma solução. Nós somos cidadãos, nós pagamos impostos, nós temos direito.

Anexei nesse documento, que vai por meio eletrônico, um SEI, de manutenção do sistema de setembro de 2018, um SEI do Guarujá, uma solicitação de estudo técnico de fevereiro de 2024, que antecede a enchente de maio de 2024. Três documentos referentes à jurisprudência sobre a responsabilidade nas cheias. Documento referente à responsabilidade do ente público do Superior Tribunal de Justiça. Mais fotos e vídeos, essas das nossas casas, das nossas ruas, inundadas, destruídas. É isso aí. Agradeço a presença de vocês. Agradeço à Comissão. Era isso.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, Sra. Cristina Abbud, pela exposição e por também poder mostrar para nós, vereadores, os relatos dos cidadãos. A gente circula na cidade, evidentemente, mas não conhece o dia a dia de cada pessoa, do que cada família passa. A gente viu, não é Gilson, vários bairros, o Gilson também acompanhou bastante ali a região do Lami, durante as enchentes, Belém. Eu acompanhei o Centro Histórico, porque sou morador do Menino Deus - também fiquei fora de casa, o nosso prédio foi alagado. Mas não

é tão grave a situação quanto essa que está sendo apresentada, porque essa é periódica. Vejam bem, o relato que a Cristina traz aqui, que é o relato de vocês, não é de um ano, não é da enchente do ano passado, que o Guaíba subiu, é empoçamento de água e mistura com esgoto. Ela falou de uma forma elegante - o odor fétido -, mas é esgoto podre. Eu já estive ali, entendeu? É descarga puxada no meio da rua - é insalubre, é uma coisa que não dá para imaginar e entra dentro da casa das pessoas. Claro que a enchente que aconteceu no ano passado tinha ondas, derrubou muros e tudo mais. Inclusive o muro da casa da Dilva, que perdeu, as ondas vinham... Mas o problema ali não é de um ano. Eu acho que é essa responsabilidade que a gente vai ter que assumir, porque, pelo relato, desde 2012, é isso? Cristina. Mas é mais ainda? Bom....

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADOR JONAS REIS (PT): Isso. Então, tem relatos que somam, que é mais tempo. Mas o que eu compreendo, eu quero passar para o DMAE, e eu preciso fazer essa impressão, porque eu tenho acompanhado também a Cavahada. Na Cavahada, é a mesma coisa, Gilson, muitos empreendimentos foram liberados ao longo dos últimos 10, 15, 20 anos, em toda a região alta dos morros ali. E o que acontece? Os mais antigos moram na Cavahada. O que faz? A chuva, ela não tem para onde ir. Antes ela ia para o mato, ia para a grama, isso absorve, microdrenagem, e vai para o lençol freático. Agora não, ela cai direto e ela vai escorrer para algum lugar. Vai para as bocas de lobo, o encanamento, muitas vezes, é antigo, porque não foi planejado, ninguém vai planejar há 40 anos atrás que aqui vai crescer, não existe isso, é impossível, praticamente. Talvez uma cidade planejada como Belo Horizonte, Brasília, tenha feito um planejamento de 60 anos, mas não é usual, as cidades não planejam, elas planejam no máximo 10 anos. Até o Plano Diretor é de 20 em 20 anos. O próprio Plano Diretor nem prevê a ampliação aqui da região da Serraria, que é a região alta. Então, nem o Plano Diretor da Prefeitura, que é o documento maior que rege todos os prefeitos, nem ele prevê isso. Então, a gente vai ter que

contornar essa situação com algum tipo de desenvolvimento de uma política aqui para o Guarujá de macrodrenagem, porque, sem isso, vai continuar alagando. Vejam bem, eu estou como vereador, não adianta vir aqui mentir para vocês, dizer que um estudo, alguma coisa. Não, é dinheiro, gente, tem que ter dinheiro ali, sabe?! É trocar o encanamento, deixar maior, para guardar água embaixo, ou é fazer uma construção de uma bacia de contenção em uma região alta que segura um pouco da água. Tem que ser feito um estudo imediato com profissionais que entendem e dinheiro. Aí dinheiro é aquilo. Hoje, por exemplo, essa zona está dentro do zoneamento que a gente pode aproveitar das enchentes. Pode pegar dinheiro federal com isso. Está vindo muito dinheiro para vários municípios. Vocês viram aí que teve pontes que foram entregues. Então, se eles entregaram pontes, que é uma coisa importante, acho que também dá para a gente ter essa luta para melhorar o encanamento, botar uma casa de bomba, não sei qual vai ser a melhor solução. Talvez várias dessas bacias de contenção nas regiões mais altas aqui, para segurar a água lá de cima e não empogar tão rápido. Uma, duas, três casas de bomba, não sei, ao longo da orla, para tirar a água da parte que é uma bacia, porque ali na Jacipuaia que se fala é uma bacia. Ela é, de certa forma, uma bacia, e é natural que uma bacia vai empogar, qualquer criança sabe disso. Onde tem um buraco numa rua, quem morou muito tempo em rua de chão batido, como eu, eu sei, o buraco guarda água, ele fica ali.

Então, a gente precisa ver, do DMAE, eu não sei se tem já em andamento específico para o Guarujá. Tem algum processo SEI que possa disponibilizar para a gente dar uma olhada? Essa é uma pergunta. A outra é sobre esses zoneamentos todos, porque eu preciso ser sincero para vocês, gente, tem obras públicas que demoram dez anos, e eu acho que esse problema do Guarujá não é para dez anos. O problema, por exemplo, do grande debate das cheias em Porto Alegre, das enchentes, não é uma coisa que vai ser resolvida em quatro anos. Eu duvido que resolva, duvido, porque nós temos empresas muito incompetentes. A empresa que está agora contratada para o Ipanema, gente, ela fez uma mureta e está quebrando a mureta. Ela fez a mureta e está

quebrando a mureta. Então, vocês imaginem, isso tudo vai atrasando. O Centro Histórico também está um tempão atrasado. Então, assim, tem os problemas que não são da política, são das empresas que se metem de pato a ganso e não sabem fazer.

Mas, enfim, vamos passar aqui para o DMAE poder falar e depois as inscrições todas da comunidade. Mas aí você fica à vontade. Você pode falar agora e no final você fala também.

SR. ALEX ZANOTELI: Boa noite, pessoal. Então, eu sou o Alex Zanoteli, sou o diretor de proteção contra as cheias e drenagem urbana agora de Porto Alegre. Foi no dia 6 de fevereiro que nós estivemos ali no Santuário Santa Rita de Cássia, e apresentamos bem detalhado todo o plano de ação que o DMAE está fazendo para a região. O diretor Darcy, na ocasião, ele apresentou as propostas que estavam sendo feitas a nível de microdrenagem, e a Rhama apresentou a proposta dos estudos, esses estudos estão sendo desenvolvidos para toda a cidade, apresentou a parte que atende o Guarujá em relação à proteção contra as cheias e macrodrenagem. Acredito que grande parte do pessoal que está aqui esteve lá também nessa reunião no dia 6 de fevereiro.

Mais uma vez, então, eu vou trazer. Em relação à microdrenagem, o compromisso do DMAE é fazer um estudo para evitar esses alagamentos, esses microalagamentos que tem na cidade, nas ruas. Então, foi mapeado, através do 156, todas as reclamações que foram feitas em relação a pequenos alagamentos. Nesse momento, está sendo desenvolvido, pelo DMAE, um estudo para ver a viabilidade de pequenas intervenções para resolver essa questão da microdrenagem, mas o problema do Guarujá é muito maior que isso. A gente tem uma cota muito baixa aqui no Guarujá, temos regiões aqui que tem uma cota de 1,70, sendo que, se você considerar de meio metro a um metro de profundidade que as redes ficam, a gente está falando de 1,20 de altura, sendo que hoje o Guaíba está em 1,40. Então, com certeza, hoje, as próprias redes já estão cheias d'água. Então, qualquer chuva que vier mais forte um pouco vai alagar. Então, aí entra o estudo que está sendo desenvolvido pela Rhama, que

é do escopo de proteção contra cheias e drenagem urbana. Eu vou passar a palavra, então, para a Rhama, para explicar, mais uma vez, brevemente, todo o estudo que está sendo desenvolvido aqui para a região do Guarujá.

SR. ANDRÉ SILVEIRA: Boa noite, meu nome é André Silveira, sou engenheiro sênior da Rhama. Estou acompanhado aqui pelo engenheiro Rodrigo. A Rhama foi contratada pelo DMAE para um estudo de diagnóstico para solucionar ou indicar melhorias para todo o sistema de proteção contra cheias de Porto Alegre. E faz parte do contrato fazer indicações da parte não protegida de Porto Alegre, onde se inclui o bairro Guarujá. Esse estudo está sendo feito de maneira minuciosa, como nunca se fez antes. Estamos levantando tudo o que é cota, tudo o que é estado, como é que está esse sistema de proteção contra cheias, que falhou, ele falhou naquelas áreas que eram para estar protegidas. Então, estamos verificando alturas de diques que não estão na altura certa, falha nas estações de bombeamento de água fluvial, falhas nos diques, entradas incorretas de microdrenagem em pôlderes, como lá nessa inundação no Menino Deus que foi basicamente uma entrada da água do Dilúvio para dentro. Por quê? Porque foram feitas canalizações que perfuraram o pôldere. O pôldere é sagrado, não pode ser perfurado. O pôldere é o dique. Então, no que tange aqui, o Guarujá, nós fomos convocados para dar... Nós não somos o governo, somos uma empresa privada que está trabalhando para o DMAE.

Então, aqui, nesse contexto todo, de toda a área metropolitana, que pega lá desde a Alvorada, praticamente da fronteira, toda a Zona Norte, vai descendo pela orla. O que está sendo feito? Um estudo hidráulico e hidrológico. O que vai ser feito? Vai ser... A gente já sabe o que aconteceu em 2024, mas a gente vai estabelecer se 2024 foi a pior situação. A pior situação ou não para fazer os projetos. Hoje, a parte norte de Porto Alegre é a cota 7, é a cota de proteção. O Guaíba, todo o sistema... Houve falha, porque a cota 7 não era para... Não atingiu a cota 7, o Guaíba e nem o Gravataí. Do centro de Porto Alegre até aqui o shopping é cota 6, que tem o dique, que é a avenida ali e tal, o dique é cota 6. Aqui não se sabe nada. Não se sabe se a cota vai ser 6, se vai ser 5,5. Qual é a

proteção de vocês? Para isso, a gente vai fazer todo o estudo. Isso é coisa de ponta. A gente não fica a dever nada, porque a gente é oriundo da Federal do Rio Grande do Sul, o professor Tucci, que é o coordenador geral desse projeto, na empresa Rhama, da qual ele é proprietário. Ele que é uma figura conhecidíssima. Ele é o único ganhador do prêmio, o maior prêmio de hidrologia que existe no mundo, o Nobel, é o único professor, o único pesquisador que ganhou isso no hemisfério sul, no Terceiro Mundo. Então, nós estamos bem. Eu me considero também experiente. Eu trabalhei 35 anos no IPH – Instituto de Pesquisas Hidráulicas – com essa questão de drenagem urbana e inundações. E agora, depois de aposentado, estou colaborando. Temos um corpo de engenheiros muito competente. Então, nós vamos simular essa realidade com modelos matemáticos bem sofisticados, para saber o que aconteceu aqui e o que pode acontecer no futuro. E é um sistema muito complexo. São vários rios que desembocam em um delta, que depois vão se alargar no Lago Guaíba, atingindo toda a costa, toda a costa de Porto Alegre. Porto Alegre é uma cidade inundável. Os primeiros já sabiam disso. Eu já descobri relatos de 1761, 1833. Em 1873, aqui no centro de Porto Alegre, foi uma enchente de mais de 4 metros. Em 1941, foram 4,70 metros. Agora, foram 5,24 metros no ano passado. Foram três e pouco em 2023. Em 2015, foram três. Por isso que vocês sentiram alguma coisa aqui também. Em 1967, também teve enchente, três e pouco. Em 1928, 1936 também subiu acima de 3 metros. Então, nós estamos em uma cidade inundável. Às vezes, tem um tempo em que não sentimos essa inundação, porque não é assim todo... Tem um espaço de tempo, mas o que vai ter... Cada geração, pelo menos, vai assistir a uma grande inundação em Porto Alegre, e a gente tem que estar protegido, porque nós estamos povoando. Claro que o Guarujá, em 1967, talvez fosse muito pouco povoado, mas foi, em 1967, o que desencadeou a necessidade de fazer o projeto do sistema de cheias em Porto Alegre. E ele se estendeu até onde se estende, porque aqui talvez não fosse prioritário pela baixa população, mas hoje é.

Então, essas soluções, como envolvem um impacto na paisagem, porque é muito fácil dizer que vou botar uma estação de bombeamento, vou botar um

dique, mas isso vai impactar a visão de vocês. A gente vai trazer essas soluções, conceitualmente falando, mas depois vai ter que ter um projeto de engenharia básico-executivo, porque é assim que funciona. Não dá para fazer ação... Ação sem planejamento é jogar dinheiro fora. Já se jogou muito dinheiro fora no Brasil por causa desse... Não faz uma coisa por muito tempo, depois faz açodadamente. Jogava dinheiro fora. Eu creio, não é porque estou trabalhando nesse projeto, que esse projeto vai ser um divisor de águas no sentido de dizer, botar que nós temos um sistema de proteção que precisa ser ampliado e que ele precisa de muito investimento. A Holanda não vai nos ajudar muito, vai nos ajudar com ideias, mas a solução sempre é local, sempre é local, através de estudos. E as necessidades que o colega do DMAE colocou aqui, e eu já tinha visto em outro encontro, eu acredito que existem projetos de macrodrenagem. Agora, eu não sou da Prefeitura, não sei como é que anda. Existe projeto de macrodrenagem e, pelo que eu escutei também naquele evento lá, a drenagem aqui está muito baixa. Então, tem que ter uma solução da drenagem não sofrer o refluxo do Guaíba, mesmo o Guaíba não estando em enchente. Por quê? Porque aí o problema é um problema de drenagem urbana, que a gente chama, é um problema de alagamento. Nós costumamos separar bem claro, para nós, técnicos: enchente e inundação é quando um rio grande invade a cidade, e alagamento é quando não conseguimos manejar essa água que vem da chuva sobre o local e acaba a água entrando em lugares que não devia. Claro que se eu tenho um córrego natural, eu começo a ocupar as margens desse córrego, como foi bem colocado aqui pelo vereador, começo a impermeabilizar, aí a situação realmente rapidamente se deteriora. Desde 2012, existe um plano de drenagem urbana de Porto Alegre, que pegou todos os 33 arroios de Porto Alegre, tem estudos já feitos de alagamento, de geração de enchentes. Claro que isso aí passou o tempo, se tem mais condomínios, tem mais coisas. E, naquela época, já se dizia, aqui nessa bacia, por exemplo, a bacia do Cavalhada, precisa ter tantas bacias de contenção, com volume calculado. Jogar isso adiante é, claro, a questão da cidade, que tem a sua política, que não é minha seara. E os engenheiros do DEP – Departamento de Esgotos Pluviais – eram

muito competentes, assim como são os do DMAE. Eles estão ali fazendo o que podem e têm os projetos na mão. Além disso, tem a dificuldade daquilo que a sociedade impõe para nós, nós todos impomos isso, de ter as licitações. E, às vezes, pelo menor preço, entram empresas infelizmente ruins. A gente não consegue filtrar empresas ruins, porque elas dão o menor preço e acabam ganhando e depois abandonam a obra. Muitas... Vemos isso todos os dias, que a nossa lei de licitações não é perfeita. (Manifestações na plateia.) Cota? Cota é o nível. É isso? A gente chama de cota o nível da água, né?

SR. ALEX ZANOTELI: É, hoje está abaixo do nível...

SR. ANDRÉ SILVEIRA: Perfeito, perfeito, eu sei, eu sou leigo nisso. Então, a minha queixa, como cidadão, é que muitas vezes eu vejo empresas ruins fazendo obras ruins ou abandonando, e eu já trabalhei na universidade como diretor. E, às vezes, fazem um serviço que é porco, bom, desculpem a palavra. É, então, isso é a sociedade que tem que dar jeito, né? Como é que se consegue ter obras de qualidade com esse cipoal de leis que dificulta a escolha dos melhores, né? Mas isso foge totalmente do meu tema aqui, mas eu agradeço a intervenção, para não falar bobagem.

SR. ALEX ZANOTELI: Ok, então, para trazer a resposta para a comunidade, nesse momento estão sendo desenvolvidos estudos que vão buscar pequenas intervenções que podem ser feitas a nível de microdrenagem para resolver o problema de alagamento, mas o sistema de proteção contra cheias e as obras de macrodrenagem vão vir através do estudo da Rhama que está sendo desenvolvido neste momento. Então, as pequenas intervenções são de curto e médio prazo, e os estudos da Rama, então, a longo prazo.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Agora, só um momentinho, agora a gente vai passar para a comunidade, nós temos duas inscritas, a Sra. Leia pode vir até aqui, e aí nós vamos dar três minutos para cada pessoa, depois prepara a Dilva,

também vai ter três minutos para falar, e aí os demais podem me dizer o nome que eu anoto aqui. Ivan, quem mais? Rosane. Nós vamos ouvir a comunidade, daí temos a abertura para mais uma fala ainda da comunidade, depois nós vamos passar para os vereadores, aí vamos passar para o governo, para o representante do governo, o Sr. Alex, e aí nós vamos encaminhar a reunião. Então, agora já também façam proposições nas suas falas.

SRA. CLÉIA DUTRA ROCHA: Meu nome é Cléia, sou moradora da Jacipuia há 43 anos. Primeiro quero agradecer pela existência dessa reunião, à Cristina, ao Jonas e todos os demais vereadores, e à presença do DMAE, que é o que nos importa, e da Rama, que é a que vai também resolver os nossos problemas. Eu acho, claro que seria bom que tivessem os outros órgãos, mas os essenciais estão aqui presentes. Então, o meu agradecimento eterno a vocês. E, assim, aquele momento eu até tentei, desculpe ter interrompido, mas mais de uma vez eu ouvi, aqui nessa reunião, que a Prefeitura está gastando na Ipanema, nós temos que saber o que estamos falando. O Jonas também fez uma referência a isso, apesar de não ter denominado que era a Prefeitura. Mas, assim, são coisas diferentes, não vamos nos equivocar com isso. Quem está fazendo a obra de Ipanema é a iniciativa privada, não sai do bolso da Prefeitura. Então, não vamos confundir as coisas, gente. Eu acho que isso tem sido uma questão recorrente no nosso bairro. Quando o nosso bairro tinha que estar unido, o bairro se vê dividido. Eu acho lamentável isso. Então, também falo que em mais uma reunião que foi feita, na reunião lá da igreja, poucas pessoas que estão divididas se fizeram presentes. Nós não gostaríamos de estar divididos, estamos aqui presentes porque nós temos que estar unidos. Não pode ser, um bairro subdividido, uns querem uma coisa, os outros só ficam reclamando. Não dá, gente. Então, assim, vamos, de uma vez por todas, nos unir. E eu acho que vocês já estão deixando claro também que nada está começando agora, nada vai começar em função desta reunião. Desde outubro, vocês já estão, a engenheira aqui também falou na igreja, foi muito clara. Então, vocês já estão fazendo agora, não ficam divulgando, não ficam anunciando, porque o negócio

agora é baixar a cabeça e trabalhar. E também, não se arruma uma casa em cinco minutos, se tu estás com a tua casa imunda. Não pode imaginar que tu, em cinco minutos, vais arrumar tua casa. Então, eles também precisam de tempo e vão parar de reclamar e dizer que nada está sendo feito, gente, que a Prefeitura não faz nada. Então, é essa a minha colocação. Obrigada.

VEREADOR JONAS REIS: Obrigado, Sra. Cléia. A Sra. Dilva está com a palavra.

SRA. DILVA IRIA THOMA: Meu nome é Dilva, eu sou da Av. Guaíba, com a Jacipuia. E, realmente, a Cristina já leu meu relato, desde 2015 passamos por isso. Alguém aqui falou, não é só inundação; é enchente, é alagamento. Então, nós, da esquina da Jacipuia, com a Av. Guaíba, principalmente Jacipuia e Oiampi, sempre tem alagamento. Nossas ruas ficam, na base de 40 dias, debaixo do lodo, que é esgoto puro. Inclusive, eu perdi a minha cachorra por leptospirose em setembro de 2023. Então, assim, não é só quando é culpa da natureza, e, sim, com qualquer chuva mais intensa, as nossas ruas alagam, a Av. Guarujá, inclusive. A Criciúma está alagando também. Araranguá também. Então, está faltando alguma coisa, gente. Alguma coisa tem que fazer, tem que limpar, macrodrenagem. Então, outra coisa que eu queria falar, em 2015, falando em que tudo demora, tudo tem que ter estudo, não estou culpando ninguém, realmente conheço a capacidade, mas, desde 2015, o Melo apareceu na nossa esquina, nós tiramos foto com ele. Eu acreditei nele, ele prometeu que ia fazer, que ia nos ajudar com o problema das nossas ruas. Quem esteve na época sabe, ele prometeu. Então, o estudo demora, *ok*. Não dá para, como a Cléia disse, não dá para arrumar em cinco dias, mas nós temos desde 2015, gente. Em setembro de 2023, entrou água na minha casa, alagou a rua por mais de 40 dias, tudo debaixo do esgoto. Já não teria dado tempo para fazer o estudo? Começaram agora, vai levar quanto? Quantas enchentes nós vamos ter até terminar o estudo, até começar a fazer alguma coisa para o nosso bairro, gente? Sinceramente, eu estou apavorada, porque eu estou morando em duas peças na minha casa. Eu

não consegui reconstruir, eu não recebi dinheiro de ninguém, só do governo federal, que eu usei só para limpeza, entende? É um pedido de socorro, gente, não sou só eu, teve gente que não conseguiu voltar ainda. Então vão fazer estudo agora, não estou culpando vocês, mas por que não contrataram antes? Por que ir para a Holanda? Não teve gente da Holanda aqui já o ano passado, foi ano passado? Eu só gostaria de entender. Nós temos técnicos maravilhosos, nós temos estudiosos aqui, mas eles não vão poder fazer uma coisa de um dia para o outro, isso vai demorar. E por que não contrataram antes, sabendo desse problema desde 2015, gente?

Eu preciso entregar uma coisa também, a nossa rua toda, só um pouquinho. A nossa rua toda, a Jacipuia, está com problema de calçada em toda a rua. O DMAE vai lá e diz que não é verdade, inclusive a Nilda já nos ajudou. A Criciúma também está com problema. Qual é a outra rua? Calçada na Oiampi, que é justamente a esquina onde alaga, que é a Jacipuia com a Oiampi, porque essas ruas, elas estão mais baixas que o nível do Guaíba, é por isso que acontece isso. E isso foi prometido desde 2015, então o estudo já deveria ter sido feito desde então. De 2023 para cá, teve não sei quantas reuniões, não é? Então é isso aí que eu refiro, tá, gente? Obrigada.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Certo, obrigado. Passo a palavra ao Sr. Ivam. Pode passar aqui para o moço do DMAE, Dilva, as fotos das calçadas, para ele entender o que é o assunto.

SR. IVAM KLENG: Boa noite, gente, meu nome é Ivam, eu moro há mais de 50 anos aqui no Guarujá, então eu estou sabendo de tudo o que vocês estão falando, eu estou sabendo. Nessa enchente, eu perdi tudo, estou voltando para a minha casa hoje, e a minha avó dizia: “Não chora o leite derramado”. Então vamos levantar a cabeça e olhar para frente. Em primeiro lugar, estão falando desse negócio do alagamento, qualquer chuvinha alaga a Jacipuia, o entorno Jacipuia, Oiampi. Isso aí, o que é que aconteceu? Quando eu vim para cá, não existia tubulação, era manilha. O Gilson acompanhou bastante o meu trabalho,

era manilha, se substituiu manilha por tubo de cimento. Foi feita uma galeria, dois por um, só que essa galeria, quando fizeram, fizeram no nível do rio, baixo, e baixaram o leito da rua. Vocês passem pela Jacipuaia, vocês podem ver que todas as calçadas tem inclinação. O que é que aconteceu? Em vez de nivelarem, quando eu disse a vocês: “Em vez de baixar, vocês têm que nivelar.” “Cala a boca, tu não és engenheiro.” Não sou engenheiro, mas não sou burro. Então, o que é que fizeram? Fizeram a galeria ao nível do rio e baixaram a rua. O que é que acontece? Quando o rio sobe um pouquinho, dá refluxo e enche a rua. Quando estavam fazendo aquilo, a mesma coisa, não estavam selando a tubulação. “Olha aqui, vocês só estão encostando os tubos, não estão selando isso aí”. “Ah, não te mete nisso aí, deixa.” Estavam fazendo a ligação, na época, direto, cloacal no pluvial, se alertou. “Ah, fecha ligeirinho antes que venha o fiscal.” Então, não adianta chorar agora. Na época, quem fez a coisa, tinha que fiscalizar e fazer direito. Não me interessa quem foi. Agora, quem foi hoje está reclamando. Então, é isso aí, eu quero dividir depois a minha fala em duas partes. É isso o que acontece. Na minha opinião, o que é que tem que ser feito? De imediato, urgente, nivelar a Jacipuaia. Jacipuaia e Oiampi, tem na confluência Jacipuaia e Oiampi, tem ali, tem quase um metro de diferença, de desnível. É isso aí que tem que... a minha orientação é isso aí. Não adianta reclamar da culpa se é A, B ou C. Quem fez a coisa, por que é que baixaram o nível da rua, em vez de deixar ela nivelada?

E a outra parte que eu quero agora, na parte de mobilidade, não sei se eu posso falar alguma coisa da parte de mobilidade. Nós já pedimos, há alguns anos, quebra-molas na Av. Guaíba. Foi feito, quando um ônibus atropelou e matou uma criança, aí fizeram, botaram três quebra-molas, se não me engano, no estudo eram cinco, botaram dois ou três só. Eu sou prefeito do parque. Nos domingos, olha, não tem domingo que quase não tem criança atropelada ali. Eles jogam futebol, jogam bola, a bola atravessa a Av. Guaíba, eles não querem saber, a criança sai correndo atrás. E o que tem de motoqueiro fazendo corrida ali é impressionante. Enquanto não acontecer uma tragédia, não vão fazer nada. Outra coisa que eu quero pedir, que já foi isso desde o tempo do Gilson que a

gente vem trabalhando, puxar o fim da linha do T11 até a praça Salvaterra, porque são aproximadamente 12 paradas. Quem mora na Av. Guaíba e quer pegar o T11 tem que pegar três ônibus. Tem que pegar dois ônibus para chegar ali, tem que pegar o Serraria aqui em cima, vai pegar o Serraria até ali para pegar o T11. Isso aí já está pedido há anos, vamos ver o que vai acontecer. E a terceira, tiraram o fim da linha do Ipanema/Cavallhada aqui da Av. Guaíba, está criando um transtorno para quem mora ali e precisa trabalhar na Zona Norte. É isso que eu quero pedir.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, senhor Ivam. Agora, a Sra. Rosane.

SRA. ROSANE DUARTE DE SOUZA: Boa noite, pessoal. Eu queria reivindicar uma coisa, eu moro na parte alta do Guarujá, na Rua Murá. Ali a gente está sendo prejudicado com o esgoto da rua, que a gente solicitou para a Prefeitura muitas vezes, e eles não vão fazer o desentupimento. Então, o que a gente faz? A gente contrata uma desentupidora para o condomínio. Eu moro há 32 anos ali, e a gente nunca teve problema com o esgoto ali. Então, após o enchente, aconteceu de entupir a rua, e eles não vêm desentupir aquilo ali. Eu já fiz várias solicitações, e nada acontece. Em campanhas políticas também a gente fez várias, o Ver. Ustra até já nos ajudou também, continua nos ajudando, e como a gente mora na parte alta, nos prejudicou também. Então, o que é que acontece? Quando alaga, tem muita chuva, volta o esgoto para dentro do condomínio. Alaga tudo, aí mistura esgoto com pluvial, e é terrível, porque tem doenças, tudo. Então, eu queria pedir uma solução, sabe? Para ajudar a gente, pelo menos, para a Prefeitura ir na rua e tentar desentupir o esgoto da rua, para não voltar para dentro do condomínio. Não é tão grave quanto o pessoal das enchentes, que é bem pior lá embaixo, mas está prejudicando a parte alta – imagino vocês, não é? A minha reivindicação é essa.

Tem também o ônibus 283 – Ipanema/Cavallhada, que tem pouquíssimos horários, botar mais horários. O lotação, tiraram todos, recolocar, porque está bem precária a zona sem lotação. O 179, que é o Serraria, com ar-condicionado

– eles dizem que tem, mas a maioria não tem ou não funciona. E as calçadas da Estrada Serraria também, que não têm, sem acostamento total, as pessoas estão andando na rua. É isso aí, a gente gostaria de uma solução. Obrigada.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigada, Sra. Rosane. Cristina, três minutos, aí nós vamos passar para os vereadores, para ir encaminhando. Os vereadores podem fazer a sua intervenção, e também já fazem o encaminhamento, depois a gente ouve o DMAE e encerra a reunião.

SRA. MARIA CRISTINA NUÑEZ ABBUD: Eu quero fazer um esclarecimento em relação ao que foi comentado sobre o embelezamento da orla. Eu não falei sobre Ipanema, nem me passou pela cabeça que uma obra, que é um muro em Ipanema, ia custear a obra que nós precisamos na Rua Jacipuia, na Rua Oiampi, etc. Eu estava falando da Orla do Gasômetro e do Pontal. Uma obra imensa, caríssima, que podia, parte desse recurso ou todo recurso, implementar a solução para o nosso bairro. Também quero reforçar o que a Dilma falou. Claro que a gente não espera que seja da noite para o dia, mas eu acho que, desde 2015, dava para resolver, não dava? De alguma maneira? Então, era isso, pessoal. Obrigada.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigada. Ver.^a Karen.

PRESIDENTE KAREN SANTOS (PSOL): Então, pessoal, para tentar organizar os encaminhamentos desta reunião, o que eu sugiro? Que as assessorias, os mandatos, Jonas, Ustra, peguem as notas taquigráficas e organizem, em forma de pedidos de providência, todos esses apontamentos que foram feitos em relação ao transporte e à microdrenagem. Em relação ao projeto que está sendo elaborado pela empresa Rhama, sobre a macrodrenagem, a gente sabe que tem um prazo – conversei aqui com o engenheiro –, que é janeiro de 2026. O que me preocupa não é nem a seriedade dos engenheiros que estão envolvidos, o que me preocupa é que já há uma tradição de contratar estudos, e, quando os

estudos ficam feitos, eles não são executados, porque aí mudou a prioridade, então acho que não adianta a gente ter estudos. Eu me lembro que na gestão do Marchezan, Ustra, foi contratada uma auditoria no valor de R\$ 300 mil sobre as empresas de ônibus, para saber os custos do transporte. E ela se transformou em uma auditoria inconclusiva, porque as próprias empresas não apresentaram as documentações e as notas fiscais. Então, acho que o estudo, sim, ele é legítimo, ele é necessário, só que a gente vai precisar acompanhar os passos desse estudo para saber se os recursos estão chegando, para que a empresa consiga concluí-lo, porque tem que ser feito o pagamento. Não sei se o pagamento foi feito por todo o estudo ou se ele está sendo feito por etapas, porque, a qualquer momento, talvez o contrato possa ser rompido. A gente deve ter seriedade: “Vamos ter um estudo”, então vamos acompanhar para ver se eles estão tendo as condições financeiras para executar esse estudo; depois a segunda batalha nossa vai ser, e até comentei com o Ver. Jonas aqui, estou bem feliz pela quantidade de vereadores que está aqui presente... No final do ano, a gente debate o Orçamento Anual de 2026, a LOA. A LOA é onde a gente consegue construir as emendas em torno de quais são as prioridades do Município para os R\$ 11 bilhões. Então, se a gente conseguir, a partir de um pré-estudo, daquilo que foi apresentado pela empresa Rhama para 2026, construir uma emenda, e aqui tem vereadores da oposição ao governo, tem vereadores do governo, fazer uma emenda juntos, tenho certeza que a gente consegue aprovar, destinando os recursos necessários para a execução dessa obra. Se não toda a obra, porque estou vendo que envolve toda a cidade de Porto Alegre, que vocês também consigam incluir no estudo prioridades em relação aos bairros, para que a gente consiga ter mais... Não ser uma vontade política nossa: “Eu tenho voto lá na Mapa, então eu quero que resolva o problema da Mapa”, que a gente consiga também ter as nossas posições voltadas pelo que o estudo for apontar para nós.

Encaminho esses dois mecanismos. Primeiro, transformar as nossas atas aqui em pedidos de providência. Segundo, uma nova reunião porque, infelizmente, sem a EPTC... Os empresários de ônibus, desde que estou nesta comissão –

estou nesta comissão desde 2018 –, eles nunca vieram. Por ser uma empresa privada, a gente não consegue nem entrar dentro da empresa para fazer fiscalização em relação à estrutura dos carros, porque não cabe a nós, vereadores – eles impedem. Então, eu sugiro que a gente chame uma nova reunião daqui a duas semanas, especificamente para tratar dessas demandas que foram colocadas: a extensão do T11, das linhas que foram retiradas. Eu também estou com umas demandas represadas em relação ao ar-condicionado, não é só aqui que está acontecendo isso. Tem lei municipal que coloca que todos os veículos, até 2026, teriam que ser equipados com ar e, a partir de 23 graus, eles têm que andar com o ar ligado. A gente sabe que isso não é cumprido. Então, precisamos chamar o Ministério Público, já tem ação aberta no Ministério Público, o MP também deveria estar aqui e não veio. Então, vamos reiterar, na terça-feira de manhã eu acho que talvez eles se façam presentes, para a gente tratar especificamente da questão do transporte, porque é uma pauta muito valiosa. Foi anunciada a possibilidade de aumentar a tarifa de ônibus, novamente, na nossa capital. Desde 2021, a gente não tem aumento, porque está sendo subsidiado com dinheiro público. Mas aumentar sem nenhuma contrapartida em relação à qualidade do serviço, sem as empresas estarem aqui conosco debatendo a qualidade do transporte, sem estar respeitando o que está no contrato, não dá. Então, acho que, sim, não é uma luta só do Guarujá, é uma luta de toda a cidade. Quem tem atuação com outros bairros que também estão sofrendo com a precariedade do transporte, quem sabe a gente chamar uma audiência pública, porque, sim, tem um contrato vigente, e as empresas de transporte não respeitam aquilo que está posto. Isso já foi anunciado no MPC, já foi anunciado no MP. A Prefeitura vem pedindo novos prazos para ajustar o contrato, só que, como vocês colocaram, não é uma história que começou agora, e a gente precisa de retornos para ser uma coisa séria, senão a gente está brincando de convocar a reunião. Uma perda de tempo, uma esperança que se cria. Então, vamos dar sequência, estou satisfeita porque, pelo menos, tem colegas aqui, vereadores, que estão se dispondo a levar esses documentos a sério.

Então, seriam esses os meus três encaminhamentos: a gente ter um retorno da empresa Rhama, para a gente conseguir fazer a discussão da LOA, de quanto de recursos a gente consegue elaborar numa emenda parlamentar; os pedidos de providências, para estar dentro do sistema, a CUTHAB estará encaminhando isso também junto com vocês; e também uma próxima reunião específica para tratar do transporte coletivo por ônibus, em relação a esse descaso com o direito ao transporte, que não é de agora, mas acho que a gente vai tentar, novamente, neste ano de 2025.

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Boa noite a todos, quero saudar aqui a presidente da CUTHAB, a Karen, e também saudar o Jonas por trazer esta pauta aqui, junto com o Ustra, junto com o José Freitas, o Marcos Felipi também. Sou o Ver. Gilson Padeiro, sou morador do Extremo-Sul de Porto Alegre, moro em Belém Novo, fui gestor da subprefeitura antigamente, que era CAR, em 2013; fui gestor, em 2019, do CRIP, e hoje é a subprefeitura, a gestora ali, até quero deixar um abraço para o Gustavo, que também foi gestor de democracia lá e fez um belo trabalho. Gente, para contribuir, eu conheço bem a região aqui, já lutei muito por isso, mas nós estamos aonde? Nós estamos na Avenida Serraria, que é uma parte alta, que desce, nós estamos na Rua Heitor Kramer, aqui na frente, que pega todo o morro ali atrás da Juca Batista, toda a parte alta, quando chove, toda essa água, se tu tens um telhado forte, se tu botares uma calha pequena, não serve. Toda essa água que desce dessa região acaba aonde? Concentrando aqui. O Guaíba está a um nível elevado, o Seu Ivan sofre a vida toda ali, eu conheço o Ivan há muito tempo, desde 2013 eu já sei o problema do Ivan, o que teria que fazer ali? Subir. Subir aquela rua ali, resolver ali a Rua Jacipuia com a Rua Oiampi. Se você analisar o dia que chove, pega o arroio Guarujá aqui, dá uma descida aqui, vai chegar na esquina, em frente ao Parque Zeno Simon, o arroio já está fechado, por quê? Porque a água toda que desce não entra para o Guaíba, porque o Guaíba empurra de volta. Então, aí fica tocando a água. Vamos pegar domingo agora, quando deu uma chuva forte, já deve ter dado problema aqui. Então, não estou cobrando e não achando defeito e erro de

ninguém, nós temos que fazer um projeto que busque receber essas águas todas. Por quê? Aí, pegou o Parque Zeno Simon, subiu ali, quando subir para ir para Ipanema, já tem uma barreira ali, não tem, a água de lá para cá não vem, vem pelo Guaíba, mas também não vai para lá e acaba concentrando aqui. Nós tínhamos um grande problema, que era o arroio do Salso aqui, que estava todo assoreado. Agora estão fazendo um trabalho, as máquinas estão ali, estão fazendo a limpeza. Tem que fazer um projeto, Alex, um projeto assim, até o pessoal da Rhama também, André, fazer um projeto que comporte esse volume de água que desce aqui.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Perfeitamente. Até aproveitando a minha fala, aqui na região era tudo com paralelepípedo. A comunidade forçou, muita gente forçou que queria asfalto, começaram a colocar asfalto, e para onde vai a drenagem dessa água? Não absorve mais, começa a escorrer e começa a entrar nas casas, por isso que, em 1990, era uma coisa; em 2000, era outra, começou a subir, subir, subir e vai subindo. Então, às vezes, o asfalto não resolve o problema, o que resolve o problema é manter o que tem. Mas, gente, para resolver o problema, tem que fazer um estudo, alguma coisa urgente, porque qualquer chuva forte que dá vai continuar alagando ali. Então, se vocês precisarem da minha ajuda, é só me chamar, eu sou da CECE, mas agradeço aqui pelo convite, Jonas, Karen, Ustra, Freitas, e pode contar comigo, porque eu sou um vereador que se dedica muito na parte da zeladoria da cidade. Meu mandato é 90% feito em cima de demanda. Sou o vereador que mais encaminha demanda, então, contem comigo, porque eu estou aqui para ajudar. Eu fui eleito para isso, então, é isso, gente, muito obrigado. E parabéns pela pauta.

VEREADOR JOSÉ FREITAS (REPUBLICANOS): Boa noite a todos, cumprimento aqui a mesa, quero cumprimentar o patrão Josué, obrigado por nos receber aqui. Cada um de nós, vereadores, temos feito a nossa parte, não só

por Guarujá, pela nossa cidade. Na verdade, eu fui contemplado já com a fala do Gilson. Eu me coloco no lugar de vocês aí, eu moro em um lugar alto do Nonoai, não moro em lugar baixo, não tenho problema com alagamento, mas, eu me coloco no lugar de vocês. E o que vocês precisarem, não só vocês, mas Lami, Sarandi, essas regiões que foram inundadas, de uma solução mais rápida. Já foi falado aqui, o projeto é maravilhoso, mas projeto é projeto, o que manda é o dindim, o que manda é o recurso. Então, a Prefeitura tem feito a sua parte, tem ido atrás de recurso. Nós aprovamos lá na Câmara milhões e milhões para resolver esses problemas, tem que ter projetos, os projetos estão mandando. Agora, o que nós temos que fazer, como eu gostei muito da sua fala, é se unir, não pode se dividir, nós temos que unir as forças. Como eu falei anteriormente, eu, como vereador, faço a minha parte, o Ver. Gilson faz a parte dele, cada vereador aqui faz a sua parte. E a comunidade tem que se unir também, por um propósito. E eu acho que o tema de casa, que o principal é do DMAE, como colocou o Ver. Gilson, para fazer um projeto urgente, para ontem, para resolver esse problema, porque a gente já sabe que o nível do Guaíba é mais alto, que tudo fica acumulado aqui, o refluxo vem para dentro das casas, para as ruas, e isso não é só aqui, pessoal, tem outros bairros também. Então, eu acho que isto, presidente, é o fundamental aqui desta reunião: um projeto urgente para resolver esse problema do refluxo aqui, uma bacia de contenção, não sei o que tem que fazer, uma casa de bomba, não sei o que tem que fazer, mexer na tubulação, aumentar o nível de ruas, é isso que nós temos que decidir, uma grande força-tarefa.

Em relação ao transporte, só para vocês saberem, para quem não saiba, pagar ônibus e lotação com Pix é uma lei de minha autoria. Aquelas paradas que você vê ali o assento reservado, tem o adesivo ali do idoso, da gestante e tal, é uma lei de minha autoria também. Existe, como o Ver. Ustra falou antes, já o aplicativo da Prefeitura para você fazer reclamação. Paralelo a isso, eu protocolei duas propostas, dois projetos estão tramitando, para que a área do transporte, para que a Prefeitura envie um relatório anual, porque a gente vê muitas reclamações, sobre as situações dos ônibus na capital. Reclamações encaminhadas, quais

foram? Quantas foram as reclamações? Linhas encerradas? Frotas com ar-condicionado? E outro projeto que tramita, também de minha autoria, Informa POA, para que cada parada venha a ter um QR Code, para que a pessoa, estando ali na parada, ela já faça a reclamação ali, do seu celular. Seja do horário do ônibus, se o ônibus tem ar-condicionado, se não tem; ela já faz. Então, está tramitando já o projeto Informa Porto Alegre – na parada, então, vai ter um QR code para a pessoa fazer reclamação na hora em que ela estiver na parada. Muito obrigado e vamos unir as forças e trabalhar. Obrigado.

VEREADOR CORONEL USTRA (PL): Pessoal, para concluir a minha participação aqui, pedimos para Karen Santos, mais uma vez, obrigado, Karen, que é a presidente da nossa comissão, junto com o Jonas Reis, trazer esta reunião para cá, dentro do bairro, senão o pessoal tem que ir para a Câmara de Vereadores; pedimos para mudar o horário para a noite também; conseguimos reunir, como a Karen falou, seis vereadores, somos 35 na Câmara em Porto Alegre. Conseguimos trazer para cá hoje seis vereadores. O Gilson Padeiro, que não é da nossa comissão, veio aqui, eu falei com ele, acho que outros vereadores falaram também. Falei: “Gilson, tu tens que ir para lá, porque tu conheces o pessoal lá e já atua há bastante tempo.” Então, o que nós estamos mostrando? Nós temos vereadores aqui que são adversários políticos, várias ideologias, até a gente quebra o pau lá no plenário, mas aqui a gente está unido, seis vereadores aqui, para procurar as melhores soluções para vocês. Então, quero agradecer aos moradores que fizeram uso da palavra, representando os outros moradores aqui, e agradecer a presença da Rhama Analysis, da nossa empresa, o engenheiro André, o nosso amigo Alex, do DMAE. Nós temos muitos problemas, mas esse é um pequeno gesto da Câmara de Vereadores de Porto Alegre aqui, para contribuir aqui com o bairro Guarujá, para que a gente possa encontrar as melhores soluções para a resolução dos problemas. Então, em meu nome, Coronel Ustra, tenho certeza que no nome dos vereadores também, agradeço a presença de vocês aqui, e nos colocamos, como falou o Ver. José Freitas, no lugar de vocês, porque sabemos que são inúmeros problemas. E

quero agradecer ao pessoal, estão me apontando aqui, do CTG Roda de Chimarrão, que, mais uma vez, cedeu o espaço para que a gente pudesse realizar essa reunião. Obrigado a todos, desculpem o meu falatório. Obrigado.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Quer falar? Pode falar, patrão. E depois vai dançar a chula para nós aqui, eu vou tocar a gaita.

SR. DILNEI FRAGA: O churrasco é mais tarde. (Risos.) Eu queria dizer para vocês que nós ficamos aqui por quase dois meses recebendo as pessoas desabrigadas, inclusive gente do Guarujá também. E nós vimos o sofrimento das pessoas aqui dentro. E eu moro na Vila dos Sargentos, que estava 1,20m de água ali, fiquei duas semanas sem poder sair de casa. Sendo que é só colocar uma rua alternativa. E tem quase uns 5 mil moradores da Serraria que não podiam sair de casa, tudo preso, saindo num caminhão de quartel, porque não tinham como sair de casa. Então, nós vimos aqui o sofrimento das pessoas. Tem que ter uma solução para isso. Eu estou falando também como morador, porque eu moro aqui. E foi bem difícil ficar aqui, dois meses ficamos aqui com as pessoas, cachorrinhos, ali embaixo. E isso é uma necessidade de logo, não de muito tempo mesmo, porque se acontece de novo, as pessoas perdem tudo de novo. É tão difícil. Pensa bem, você precisa de 30 mil reais para colocar móveis dentro de casa, o mínimo. Fora os danos de materiais de construção e tudo. Uma mão de obra é cara, tudo é caro. Então, eu acho que para uma prefeitura não é tão difícil construir alguma coisa que possa solucionar o problema de todos. É uma pena que tenha tão pouca gente aqui, poderia estar mais cheio o CTG, porque as pessoas reclamam, reclamam, mas chega na hora e não vêm aqui reclamar, não vêm falar. Tem que vir falar, porque senão como é que os vereadores vão ajudar se não sabem as necessidades das pessoas? Então, tá, era isso. Obrigado.

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Gente, eu só não concluí a minha fala ali, eu queria avisar para a Cristina que todos os recursos que estão sendo

usados para fazer a Orla, é recurso que chega de parceria privada. Essa parte da obra que está sendo feita aqui em Ipanema é um investimento de R\$ 9,5 milhões da Multiplan, a Multiplan que está bancando. E lá no Lami também mais R\$ 6,5 milhões, que estão fazendo também o calçadão, porque lá as casas foram destruídas totalmente também; para revitalizar o calçadão do Lami, mais R\$ 6,5 milhões. Não dá para tirar o dinheiro dali para investir em outro local, aquilo ali é especificamente para aquilo ali. Era isso só. Obrigado, gente.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Obrigado, vereador. Ela vai dar um recado aqui, a subprefeita Nilda.

SRA. NILDA MAIA: Boa noite a todos. Eu gostaria de comunicar a Mesa, os vereadores que em janeiro nós tivemos o Mais Comunidade no bairro e a gente está batalhando, tanto quanto vocês, para cumprir as demandas que foram solicitadas. Então, em relação ao transporte, nós já temos uma agenda marcada com o secretário Matheus Ayres, dia 19 às 10 horas, na subprefeitura. Como é um lugar mais reduzido, vocês, entre os moradores, verifiquem quem pode ir nesse dia, criem uma espécie de uma comissão, os vereadores estão convidados. Então, missão dada é missão cumprida. A gente corre atrás, a gente depende dos departamentos, das secretarias, mas a gente está muito atenta. A Dilva, a Cléia, o seu Ivan, estão sempre demandando, solicitando, pedindo. Então, a subprefeitura está à disposição de todo o bairro Guarujá, quiçá de toda a região sul. Então, nós estamos atentos às demandas da população dos bairros.

VEREADOR JONAS REIS (PT): E qual é o telefone que as pessoas podem mandar o WhatsApp para vocês?

SRA. NILDA MAIA: É o meu particular, ou no telefone da subprefeitura, que é o 3289-5981, 3289- 8412. O ex-chefe de democracia está ali para me lembrar também. Este bairro é um bairro pelo qual eu tenho um carinho especial, é o bairro do Guará, o Pica-pau, onde eu fui diretora por dez anos, colega Karen,

professora da educação. Então, eu tenho um carinho muito especial. Eu brinco que foram os meus eleitores que me botaram como diretora de escola. Um forte abraço a todos e fico sempre à disposição.

VEREADOR JONAS REIS (PT): Pessoal, é importante a gente destacar aqui, para a gente encerrar essa reunião, que nós convidamos várias autoridades do governo Melo. Então, nós que estamos aqui, os vereadores, Ver.^a Karen, o Alex, do DMAE está aqui, é preciso deixar isto consignado: há um desinteresse desses que não vieram. É desinteresse pelo bairro. Não é outra coisa, é desinteresse. Quem está aqui está interessado em buscar uma solução. Nós estamos até agora ouvindo, ouvimos atentamente todos que quiseram falar, abrimos inscrições, mas isso tem que ficar registrado. Porque a Câmara desloca toda a sua estrutura, estão ali, o pessoal da comunicação, da reportagem, estão aqui até tarde, todos da assessoria da comissão, assessoria dos vereadores está aqui ouvindo... Isso é importante vocês entenderem, que uma coisa é o governo, outra coisa é a Câmara. A Câmara veio aqui ouvir. Então, a Câmara quer buscar a solução. Nós, vereadores, queremos buscar a solução. Então, a minha proposta, em cima da proposta dos vereadores, principalmente da Ver.^a Karen, eu vou fazer um contato com o chefe de governo, que é o André Coronel, para que ele receba um grupo dos moradores e nós da CUTHAB. Porque, assim, esse problema, gente, é um problema crônico de anos, então, só tem uma solução, é a mesa do prefeito, não tem outra. Entendem? Porque eu vejo assim a política há muito tempo, gente. Prefeitura, governos, tudo, eles decidem fazer um hospital em uma cidade e não na outra, é assim, porque quem não é visto não é lembrado. Então, nós temos que repercutir essa reunião. Repercutam essa reunião nos grupos do bairro e nós vamos buscar essa agenda. Eu acho que o André Coronel tem que dizer para nós se tem perspectiva de colocar no orçamento. Porque o que nós precisamos aqui é dinheiro. A empresa falou, está fazendo o estudo, vai fazer, mas é só ano que vem para entregar o estudo. Bom, nós não podemos esperar vir o estudo, porque nós já sabemos o que o estudo vai dizer, tem que botar dinheiro, encanamento novo, casa de bomba, bacia de

contenção, vai fazer um monte de coisa, tem que ter dinheiro. Então, a prefeitura, que hoje é administrada por Sebastião Melo, tem que dizer se vai botar no orçamento ou não, como a Karen falou. Então, nós, vereadores, o que a gente faz? Nós vamos propor a emenda - não é, Gilson? -, como já fizemos várias emendas, mas, no fim, ao cabo, quem decide é o prefeito. Então, nós precisamos sensibilizar a Prefeitura, e é só vocês que têm esse poder, gente. Porque, vejam bem, eu estou há três anos fazendo essa luta, porque tem que colocar dinheiro ali. Não adianta dizer que emenda impositiva de vereador vai resolver, que não resolve nada. Vereador é uma mixaria de dinheiro, gente. A gente consegue botar umas coisinhas nos lugares, no outro, isso aí, nem se fala. Aqui, só para vocês saberem, no último ano foi R\$ 1,6 milhão de cada um dos vereadores, mas a prefeitura tem R\$ 11 bilhões! Então, R\$ 1,5 milhão não adianta. Porque eu vejo muita gente falando nas comissões - eu preciso esclarecer isso para vocês: peçam para o vereador. Não tem, não adianta pedir para o vereador, gente. Não é nós que vamos solucionar; nós temos que encaminhar, fiscalizar, ver quando as empresas não estão fazendo um serviço bem feito. A prefeitura do bairro também faz essas coisas, mas pequenas, e aqui nós estamos falando de uma coisa grande, como o DMAE falou: macrodrenagem. Ou seja, cresceu a Zona Sul, agora é a hora do dinheiro vir para a Zona Sul. Ela cresceu, isso é fato. São 30 anos de crescimento. Agora é a luta popular, é a comunidade organizada, é vocês manterem-se organizados, ter um grupo para debate disso. A minha sugestão agora é que vocês montem um grupo de WhatsApp, nos coloquem, nós, vereadores, aqui, para a gente tocar essa pauta, não outras pautas, para nós fazermos essa pauta. Aqui eu me comprometo a colocar alguém da minha assessoria no grupo, não sei os outros vereadores, acho que também, para a gente discutir e desenvolver isso. Porque, se nós não fizermos uma luta com vocês para botar recursos, gente, vai vir outro prefeito, vai ter reunião, vai ser assim, e o problema vai indo. Eu acompanho uma creche, só para vocês terem noção e encerrar aqui: nós estamos há 20 anos lutando por uma creche no Morro Embratel. Nós conseguimos até o terreno, o terreno foi grafado pelo Fortunati, e até hoje a gente não conseguiu botar o primeiro tijolo na creche. E passa

prefeitos, passa governadores, passa... Então, assim, tem problemas que ficam só na enrolação, por isso que eu quero dizer para vocês: não adianta vocês puxarem a barba de políticos, vou usar outra expressão, não adianta ficar adulando político, pois com político, qualquer um, prefeito, vereador, é igual feijão, é só pressão. Se vocês não fizerem pressão, se vocês não tivessem nos procurado, a comissão não estaria aqui. Então, vocês têm que fazer pressão, independentemente de partido, cobrar. Inclusive, vocês devem ir na Câmara também, pressionar na sessão plenária, chamar os líderes de partido. Cada partido tem um líder, tem mais de dez líderes, eles têm que se comprometer. Vocês podem fazer um abaixo-assinado para que a Câmara e a Prefeitura se comprometam. Eu já vi, gente, moradia sair para bairros que se mobilizaram, eu já vi nova linha de ônibus surgir na cidade, eu já vi praça nova ser aberta, eu já vi escola nova ser construída, e é tudo com luta. Não esperem que os políticos vão entregar para vocês; é luta, é organização. E a gente se soma para fazer essa luta, fazer esses encaminhamentos. E a minha sugestão é que a gente encaminhe, Karen, não sei o que tu achas, no sentido de pedir para o André Coronel receber uma comissão dos moradores do Guarujá para dar um parecer sobre como é que vai grafar ou não no orçamento. Não adianta eu pressionar o Alex aqui, não vamos fazer isso, dizer: Alex, tu vais resolver? Não vai, ele discute as cheias; o orçamento, quem discute é o prefeito. Se o prefeito não fizer um projeto para cá, não vai acontecer. E vou dar um último exemplo: alagou o Abrigo Marlene, que fica na esquina da Érico Veríssimo com a Getúlio Vargas, no ano passado, em maio, quando alagou tudo na cidade, pois o Abrigo Marlene está sendo reformado, porque os funcionários da Secretaria de Assistência Social viram que tinha dinheiro federal, foram lá, fizeram um projeto, pegaram dinheiro federal, e aquilo lá está sendo resolvido. Então, quer dizer, tem como resolver aqui no Guarujá, tem que ter alguém designado pela prefeitura para fazer um projeto para captar recursos diretamente aqui. Porque já foi captado - não, é Gilson? - o recurso para várias partes da cidade, e, senão, esses recursos vão para outras coisas. Entendeu, gente? Não estou falando aqui contra um, contra outro, estou falando que, nesse momento, quem correr mais vai ter o recurso

antes, quem ficar parado, esperando, não vai. É igual o coronel Ustra falou, sobre a questão do transporte, e a Ver.^a Karen Santos também falou, ela acompanha há um tempão, eu acompanho também há um pouquinho menos tempo que tu, e as coisas não resolvem, porque os empresários não deixam a gente entrar lá dentro. Eles não querem resolver. Por que? Porque eles querem botar o valor da passagem no bolso. Então, a população tem que saber disso, e a gente, também, é instrumento para esclarecer isso. Então, gente, agradecer a todas e todos aqui a disponibilidade, a empresa também que se fez presente, as explicações, o DMAE, que está aqui representando os moradores, a Cristina, e, no teu nome, agradecer os demais, a subprefeita, e os vereadores. E encerramos a nossa reunião com esses encaminhamentos. Vamos tentar essa reunião lá com o chefe de governo, o André Coronel, que é uma pessoa que recebe a gente, conversa, então, aí vocês vão, isso que apresentaram para nós, também apresentar para ele, para sensibilizar. Porque política é isso também, é sensibilizar, buscar a federal. (Palmas.)

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 20h53min.)